



# ESTUDO PRELIMINAR DA UTILIZAÇÃO DO BREJAËBA (*ASTROCARYUM ACULEATISSIMUM* SCHOTT.) PARA EXTRAÇÃO DE PALMITO

Caetano, F.M.<sup>1</sup>

Rui Barbosa, D.C.<sup>1</sup>; Jacinto, P.R.O.<sup>1</sup>

Organização não Governamental Pacto Ambiental Rua Francisco Antônio Leonardo, 195 pacambiental@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A urbanização e o desenvolvimento tecnológico trouxeram muitos benefícios para o homem moderno. De contra partida tem o distanciamento da natureza, ocasionando a erosão do conhecimento natural pela atual sociedade. A perda do contato direto com a natureza, fruto do modelo social vigente, tem resultado na degradação dos ecossistemas e na destruição sociocultural das comunidades que se relacionam diretamente com estes ambientes.

Segundo Vieira (1995), nas últimas décadas a concepção e implementação de políticas ambientais se restringiam a um conjunto de medidas com perfil setorial, raramente articuladas às ações de desenvolvimento regional e urbano, e voltadas principalmente para o controle de índices excessivos de poluição, para a gestão da qualidade do ar, das águas e dos níveis de ruído, e para a criação de áreas de preservação. Apesar de estar havendo uma mudança no modelo de conservação, ainda é um desafio agregar a percepção e o conhecimento das populações tradicionais na elaboração das políticas públicas ambientais. Este é um dos motivos que gera conflito e faz com que o cidadão descumpra a legislação. Outro conflito, é que algumas restrições impostas pela legislação não fazem sentido para determinadas comunidades, já que a prática proibida está intrinsecamente ligada à cultura destas.

De acordo com Chaimsohn, F.P. 2002, o palmito é um produto especial, ainda de consumo restrito, tanto no Brasil como no mundo, sendo o Brasil o maior produtor, consumidor e exportador do produto. Este dado mostra que o palmito está inserido na cultura gastronômica do povo brasileiro e devido a esta demanda, espécies de palmeiras nativas têm sido amplamente comercializadas seja de forma legalizada ou clandestina.

Prevendo o aumento das restrições legais, naturais e econômicas ao extrativismo e a expansão continuada dos mercados interno e externo, produtores e agroindústrias, em todo o país, estão investindo em um número significativo de projetos de palmito cultivado. As espécies predominantes são a pupunha (*Bactris gasipaes*), plantada comercialmente

em quase todo o país e a palmeira - real (*Archontophoenix alexandrae*), plantada em menor escala, principalmente no Litoral de Santa Catarina e de São Paulo (Chaimsohn, F.P. 2002).

De contra partida espécies de palmeiras utilizadas regionalmente na alimentação de populações tradicionais, que tenha características favoráveis a extração sustentável podem se tornar um aliado para a conservação da natureza, agregando valor no habitat natural da espécie.

As palmeiras do gênero *Astrocaryum spp.* possuem 40 espécies e é comum na América do Sul tropical e um pouco mais ao norte na América Central, sendo que 26 espécies crescem no Brasil e destas 8 são endêmicas (Kahn, F. 2008). O *Astrocaryum aculeatissimum* (Schott) é uma palmeira endêmica do bioma Mata Atlântica, tendo sua distribuição da Bahia até Santa Catarina (Lorenzi et. al. 1996).

Segundo Kahn, F. (2008) o palmito da maioria das espécies de *Astrocaryum spp.* são comestíveis, porém cita apenas a tentativa de explorar comercialmente o palmito do *Astrocaryum jauari* Mart. na região de Barcelos - AM.

No entanto na região da Zona da Mata de Minas Gerais é comum encontrar em restaurantes de comidas típicas, receitas que têm como ingrediente principal o palmito brejaúba (*A. aculeatissimum* Schott). Este fato aponta que existe uma demanda regional em torno desta palmeira e que provavelmente comunidades tradicionais detêm conhecimentos sobre a utilização deste recurso.

## OBJETIVOS

Este trabalho tem o objetivo de revelar e compreender o mundo existencial de pessoas que possuam conhecimentos e experiência na extração e consumo do palmito brejaúba (*A. aculeatissimum*).

## MATERIAL E MÉTODOS

As cidades de Santana de Cataguases-MG e Cataguases-MG estão localizadas na Zona da Mata Mineira e fazem parte

da bacia do rio Paraíba do Sul pertencendo a sub - bacia do rio Pomba, estando inseridas no bioma Mata Atlântica, caracterizada como Floresta Estacional Semidecídua.

As pessoas pesquisadas foram selecionados aleatoriamente em visitas a feiras e restaurantes de Cataguases, além de propriedades da zona rural de Santana de Cataguases. O primeiro contato foi uma cozinheira de um restaurante de comida típica mineira da cidade de Cataguases-MG; e dois trabalhadores rurais da cidade de Santana de Cataguases-MG. Adotou - se para coleta de dados, o método fenomenológico observação participante, onde o pesquisador entra no mundo da pessoa pesquisada, estabelecendo uma relação de confiança e mantendo conversas informais de diversos assuntos, com o intuito de conservar a naturalidade da narrativa, de forma que os dados coletados retratem a natureza do mundo fenomenal destes. Foram feitas em média cinco visitas a cada pessoa pesquisada e as informações foram registradas na caderneta de campo preservando sua linguagem. A posterior análise de dados foi feita de forma qualitativa, não buscando apenas explicar, mas principalmente compreender o mundo fenomenal das pessoas pesquisadas. Foram transcritos apenas os trechos das narrativas de maior importância, relativos à extração e consumo do palmito proveniente do *A. aculeatissimum* e as palavras textuais estão assinaladas em *italico*. Foram preservadas as identidades dos informantes devido a prática pesquisada ser proibida por lei. As pessoas pesquisadas serão mencionados como primeiro, segundo e terceiro informante.

## RESULTADOS

Devido a extração de palmito ser uma prática ilegal e combatida pela fiscalização da Polícia Militar Ambiental, foi necessário conquistar a confiança das pessoas pesquisadas, para então ter acesso a informações sobre o consumo e a extração do *A. aculeatissimum*.

A primeira informante é do sexo feminino, possui 62 anos e atualmente mora na cidade de Cataguases-MG onde trabalha como cozinheira restaurante de comida típica mineira. Foi feito o contato no restaurante e posteriormente a visitamos em sua casa. O segundo informante é do sexo masculino, possui 52 anos, é sítiante da zona rural do município de Santana de Cataguases. As visitas foram realizadas durante o período de trabalho na sua propriedade rural. O terceiro informante é do sexo masculino, possui 55 anos e trabalha na zona rural de Santana de Cataguases. As visitas foram realizadas na sua casa e em turnê guiada.

De acordo com o primeiro informante “*O brejaúba não acaba! É igual cana e bananeira. Você já viu bananeira? Pode cortar ela toda que daí uns dias ela brota de novo*”. O segundo informante disse “*isso cresce igual tiririca*”. Já o terceiro informante falou “*Moita de brejaúba não morre, quanto mais você tira mais forte ele fica e mais palmito dá... é igual bananeira*”. Todos os três informantes demonstraram muita sensibilidade natural ao relacionar o brejaúba (*A. aculeatissimum*) com outras monocotiledôneas das famílias Musaceae, Cyperaceae e Poaceae, e também fazendo uma analogia ao seu rápido crescimento.

Outro aspecto interessante comum em todas as narrativas é o tempo em que as pessoas pesquisadas disseram que o *A. aculeatissimum* perfilava, variando de quatro a seis meses. Segundo o primeiro informante “*daí uns seis meses pode voltar que já tem mais*”, o segundo informante disse “*Depende do tempo! Se tiver chovendo de quatro a cinco meses*”. O terceiro informante articulou “*Vai depender, se tiver bem adubado, seis meses*”. Chaimsohn, F.P. (2002) cita a influência da precipitação e tipo de solo na produção de palmito na cultura da pupunheira (*Bactris gasipaes*).

O primeiro e o terceiro informantes relataram ter vendido palmito proveniente do *A. aculeatissimum* e todos comentaram sobre a receita preparada com frango. Apesar de ter seu palmito consumido como comida típica da região da Zona da Mata Mineira, o *A. aculeatissimum* não é comercializado legalmente, pois não existem estudos que comprovem a sustentabilidade de sua extração. Sendo assim, quem comercializa este produto está sujeito a detenção, de seis meses a um ano, e multa como prevê a Lei nº 9.605/98 que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente (BRASIL 1998).

Por se tratar de uma planta nativa, o conhecimento do seu uso provavelmente foi adquirido do contato do colonizador com os povos indígenas nativos, pois segundo Lorenzi et. al. (1996) esta planta já era utilizada por grupos indígenas para confeccionar arco e flecha. De modo que estas restrições legais podem contribuir para a erosão do conhecimento tradicional relativo ao *A. aculeatissimum*.

De contra partida, a constante extração do palmito sem critérios sustentáveis pode deixar a planta em constante estado vegetativo, o que pode ocasionar a quebra de interações ecológicas, gerando efeitos negativos tanto nas populações da mastofauna, como no estabelecimento de plântulas do *A. aculeatissimum*. Pois segundo Donatti, C L. 2004, as sementes de *A. aculeatissimum* são dispersadas por cutias (*Dasyprocta spp.*), ratos de espinho (*Trynomis iheringi*) e esquilos (*Sciurus aestuans*).

Sendo assim, torna - se necessário desenvolver pesquisas que visam o manejo sustentável do palmito proveniente do *A. aculeatissimum*, pois sua extração sem critérios adequados pode contribuir para a defaunação em fragmentos florestais da região da Zona da Mata Mineira. Assim como a proibição legal de sua extração pode influenciar negativamente no conhecimento tradicional.

## CONCLUSÃO

A utilização do palmito proveniente do *A. aculeatissimum* com critérios sustentáveis pode agregar valor no hábitat natural da espécie. Desta forma, a fim de promover a real proteção dos fragmentos da Zona da Mata Mineira, torna - se necessário pesquisas que visem investigar a taxa de crescimento, produtividade e a contribuição do *A. aculeatissimum* na alimentação de comunidades tradicionais, buscando assim o desenvolvimento socioambiental regional através de métodos sustentáveis para extração de palmito do *A. aculeatissimum*.

## REFERÊNCIAS

- Chaimsohn, F.P. 2002. Desenvolvimento de pupunha (*Bac-tris gasipaes* Kunth) cultivada para palmito em diferentes regiões do Paraná. *Boletim Técnico, Instituto Agronômico do Paraná (Iapar)*, Londrina, v. 67, p. 1 - 54.
- Clement, C.R. & Bovi, M.L.A. 2000. Padronização de medi-das de crescimento e produção em experimento com pupun-heiras para palmito. *Acta Amazonica*, 30(3), p.349 - 362.
- Dutra, E. 2002. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 371 - 378
- Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providen-cias. *Diário Oficial da União*, 13 fevereiro de 1998.
- Lorenzi H., H.M. de Souza, J.T. de Medeiros - Costa, L.S.C. de Cerqueira & N. von Behr, 1996. Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas. *Editora Plantarum*, Nova Odessa, São Paulo.
- Kahn, F. 2008. The genus *Astrocaryum* (Arecaceae). *Rev. per. biol.* 15 (suppl. 1) : 31 - 48.
- Rousseau, J - J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes. Tradução de Alex Marins. São Paulo: *Editora Martin Claret* 2004.
- Vieira, P.F. 2003. Gestão patrimonial de recursos naturais: construindo o ecodesenvolvimento em regiões litorâneas. *In: Cavalcanti, C. (org)* Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. 4 ed. São Paulo: Cortez, p. 293 - 322.